



ENTREVISTA



## Feminismo e Ativismo Negro na Amazônia Tocantina

Entrevista com Clarice Almeida dos Santos

Deusa Maria de SOUSA, *Universidade Federal do Pará*



(( AUDIODESCRIÇÃO ))

#PraCegoVer: Clarice Almeida dos Santos em manifestação contra os cortes no Orçamento da Educação. Créditos da foto: Rafael Barros, Abaetetuba (PA), maio de 2019.



O diálogo com a estudante universitária e ativista negra Clarice Santos ocorreu em 22 de julho de 2019, em meu gabinete de trabalho, na Universidade Federal do Pará, Campus Abaetetuba, com intuito inicial de compor um banco de entrevistas para um trabalho que visou desenvolver sobre militância de mulheres negras na Amazônia Tocantina, região Norte do Brasil. A escolha por entrevistar a estudante ocorreu, *a priori*, pela admiração que mantenho por ela e sua militância e pela tentativa em entender como novas gerações de mulheres negras, entre as quais Clarice se encontra, vêm construindo suas trajetórias de enfrentamento ao machismo, homofobia, racismo e preconceito de toda ordem, existente dentro e fora da Universidade. A conversação seguinte tenta buscar, na narrativa da acadêmica Clarice, algumas dessas respostas.

**Entrevistada:** Clarice Almeida dos Santos – Estudante do curso de Pedagogia, UFPA/Campus Abaetetuba.

**Entrevistadora:** Deusa Maria de Sousa, Docente da UFPA, líder do grupo de pesquisa GEHMORGA: Grupo de Estudo em História, Gênero, Movimentos Sociais e Religiosidades na Amazônia.

**Idade:** 18 anos.

**Profissão:** Estudante do Curso de Pedagogia.

**Data da entrevista:** 22 de julho de 2019.

**Deusa:** Boa tarde, Clarice! Para iniciarmos, qual teu nome completo, local e data de teu nascimento.

**Clarice:** Boa tarde, professora! Meu nome é Clarice Almeida dos Santos e nasci no interior de Igarapé-Miri, no estado do Pará, no dia 24 de julho de 2001.

**Deusa:** Com relação à tua vida escolar, onde cursaste o Ensino Médio?

**Clarice:** Na Escola Manoel Antônio de Castro.

**Deusa:** Aqui em Abaetetuba-PA?

**Clarice:** Não, em Igarapé-Miri-PA.



**Deusa:** Agora, podes nos contar um pouco sobre tua vida acadêmica, Clarice?

**Clarice:** Sim. Faço o 3º semestre do Curso de Pedagogia, na UFPA.

**Deusa:** Esse é o primeiro curso que tu fazes na UFPA?

**Clarice:** Isso.

**Deusa:** Já exercestes alguma atividade profissional?

**Clarice:** Não.

**Deusa:** Tu és bolsista?

**Clarice:** Sim.

**Deusa:** De pesquisa ou de extensão?

**Clarice:** PIBIC.

**Deusa:** Como é o projeto em que tu és bolsista?

**Clarice:** Bem, o projeto segue uma metodologia teórica, a gente estuda, basicamente, o Grupo Colonialidade e Modernidade, e, mais profundamente, a teoria da Maria Lugones (filósofa e ativista feminista argentina), que discute sobre o feminismo colonial.

**Deusa:** Muito interessante. E como tu te identificaste com esse tema?

**Clarice:** Foi mais ou menos no Ensino Médio. Eu comecei a participar de umas rodas de conversas que aconteciam na UFPA, o SANKOFA (coletivo antirracista de Abaetetuba-PA), que, na época, eu não fazia parte, ainda.

**Deusa:** Ah, então foi ainda na época do Ensino Médio que iniciou a tua militância, da participação no coletivo SANKOFA?

**Clarice:** Sim, foi assim... O pessoal sempre convidava pra vim fazer parte, aí eu comecei a participar e a me identificar com o que eles falavam.



**Deusa:** E o que vem a ser o SANKOFA?

**Clarice:** O SANKOFA, ele é um coletivo de mulheres e homens de Abaetetuba. Ele começou mais ou menos com essa proposta. Na verdade, era só um grupo de meninas que trocavam dicas sobre cabelo... Cabelo crespo, enrolado. E aí começou a surgir a necessidade de falar mais sobre racismo, sobre as opressões, sobre feminismo. E aí acabou crescendo e se tornando o que ele é hoje, um coletivo de resistência de homens e mulheres negras, ou seja, um movimento negro de Abaetetuba.

**Deusa:** E tu participas do SANKOFA aqui na Universidade ou fora? Ou tu participas de outro grupo feminista fora da Universidade?

**Clarice:** Não, eu participo só do SANKOFA. Tem o *Versos Livres* (coletivo de poesia e arte), mas ele é mais amplo, e a *Batalha do Miriti* (festival de rap em local público), que eu apenas ajudo a organizar.

**Deusa:** Clarice, de quais perspectivas ou leituras teóricas tu te apropriadas na tua militância feminista, dentro e fora aqui da UFPA?

**Clarice:** Acho que a principal é a Maria Lugones.

**Deusa:** E o que vem a ser essa pensadora para ti? No que ela te influenciou e como tu poderias traduzir essa vertente teórica?

**Clarice:** Acho que logo quando comecei a ler e estudar sobre feminismo, tinha muita ideia do feminismo branco no centro, com a ideia de que, ah, tipo, as mulheres não são pra trabalhar, é... têm que ficar em casa, têm que trabalhar pra fora, que é uma, uma demanda muito diferente da minha realidade. Aí, quando eu iniciei na Universidade, eu fui, muito, partindo *pro* feminismo negro, fazendo leituras a respeito. Quando eu entrei no projeto de pesquisa, que eu entrei em contato com a (Maria) Lugones, eu consegui ver um feminismo, uma maneira mais ampla que é o feminismo voltado pra mulheres indígenas, pra mulheres negras e pra especificidades que nós na América Latina temos em relação a outros lugares.

**Deusa:** Como que tu tomaste conhecimento desse projeto de pesquisa? Foi por meio do convite ou leste sobre ele em algum material?

**Clarice:** Estava disponível no SIGAA.

**Deusa:** E aí? Tu te candidataste? Procuraste a professora?



**Clarice:** Sim.

**Deusa:** Fizeste esta entrevista?

**Clarice:** Não.

**Deusa:** Só viste?

**Clarice:** Sim. Eu demonstrei interesse pra professora... a gente conversou pelo WhatsApp, ela explicou mais ou menos o que era, aí eu liguei pra ela, ela falou que era pra eu me escrever, que ela ia analisar, no caso, as nossas, mas...

**Deusa:** Por quê? Houve interesse por parte de outras pessoas, também?

**Clarice:** Sim, teve outras pessoas também.

**Deusa:** E sobre tuas experiências no SANKOFA? Comenta um pouco a respeito das discussões que ocorrem nesse grupo.

**Clarice:** São bastante voltadas pra questão do racismo, pra questão de gênero, mas também amplia pra questão de serviço social, pessoas em momento de vulnerabilidade social, mas sempre nessa pegada, sempre tentando dar visibilidade às mulheres negras, é mais os estudos, assim, teóricos, de coisas, assim, mais recentes que tem.

**Deusa:** Tu já participaste ou organizaste algum encontro ou evento no qual fosse enfatizada a questão do feminismo?

**Clarice:** Não. Eu participei do FEMINIZAR, só que foi muito superficialmente.

**Deusa:** Mas, no SANKOFA?

**Clarice:** Não, no caso, eu e mais umas colegas, na UFPA.

**Deusa:** Entendi. Esse evento foi dentro da Universidade?

**Clarice:** Sim. Fora, temos eventos que acontecem na Praça da Bandeira.

**Deusa:** Eu gostaria que tu falasses se houve algum evento, mesmo fora, que tu participaste, em que o feminismo foi enfatizado?



**Clarice:** Teve o do SANKOFA, principalmente. Acontece, assim, tipo, esporadicamente, uma vez no semestre. A gente se reúne pra levar poesia, e para. E como a organização do SANKOFA é composta mais, literalmente, por mulheres negras, isso também está sendo muito frequente, por meio de poesias escritas por mulheres negras, de pinturas, relatos de vida que sempre tem bastante. A gente faz dessa forma.

**Deusa:** E houve algum evento no qual isso foi evidenciado?

**Clarice:** Sim, em todos os eventos.

**Deusa:** Todos?!

**Clarice:** Sim, porque são todos voltados pra esse tema.

**Deusa:** Mas tu achas que a abordagem é mais na perspectiva da autoestima ou tem uma discussão sobre a questão de gênero?

**Clarice:** Tem, porque, no caso, quando elas vão relatar, vão dizer, tipo, sobre o que já passaram, a questão de violência, mesmo, que já passaram na rua, em casa, e vão dividir isso com a gente; sempre se discute, tipo, “olha, isso aqui acontece por causa disso, disso, disso, aí, enfim, a maioria das mulheres que fazem esses relatos, elas não são mulheres que têm algum fundamento (não têm muita instrução), e aí a gente sempre tentou conversar com elas, pensar em alguma coisa.

**Deusa:** Entendi!

**Clarice:** E trocar também conhecimentos entre nós.

**Deusa:** Tu já falaste da tua participação em um grupo de pesquisa e de um projeto de pesquisa, mas tu já participaste de algum outro grupo de pesquisa ou fizeste alguma disciplina que discutisse teorias feministas de gênero e/ou sexualidade?

**Clarice:** Não.

**Deusa:** Mas tens participação em algum outro grupo que faça uma discussão nesse âmbito?

**Clarice:** No caso, tem o GEPEDE (Grupo de Estudos e Pesquisas Gênero e Educação - UFPA, ABAETETUBA), que discute gênero e educação, mas como a coordenadora do grupo está afastada para



aperfeiçoamento, pós-doutorado, a gente tá mais focado com a pesquisa do projeto PIBIC, aí o grupo tá meio parado, mas a gente tá pretendendo fazer uns eventos agora...

**Deusa:** Interessante. E como tu avalia a predominância de homens na ciência, leitura reiterada de autores homens nos cursos de graduação dentro da Universidade?

**Clarice:** Acho que é bastante naturalizado. Quando a gente tá lendo na Universidade, é muito comum ver a maioria dos autores homens, do curso mesmo, a gente já tá tão acostumado que, às vezes, a gente tá escrevendo lá “tal autor pensa”, aí a gente fica, tipo, “mas, peraí, é um autor mesmo? ”, aí vai ver, não é, é uma autora, de tanto que tá naturalizado de ser só autores homens.

**Deusa:** Até na hora da referência?

**Clarice:** Sim, a gente acha que “ah não, é uma autora, aí a gente fica... aí dá aquele choque, mas é muito, é muito naturalizado, e, às vezes, quando, tipo, para pra se questionar sobre; e é interessante que a gente acha mais mulheres, só na questão, tipo, quando é questão de gênero, quando é questão de sexualidade. Outros campi, outros espaços pra isso, não porque não devesse, mas em outros debates não tem quase, é como se fosse, tipo, “não, essa cota aqui é pra mulheres escrever isso, aqui e em outros âmbitos não tem”.

**Deusa:** Mas qual o teu posicionamento sobre isso? Tem melhorado ou tu achas que, de acordo com a tua análise, só em algumas áreas é que a atuação de mulheres é mais percebida?

**Clarice:** Há a atuação de mulheres em outras áreas, mas acho que ela não é tão efetiva, tão mostrada, mas existe. Tanto que quando a gente vai lá tentar, tem um seminário sobre determinado tema, o professor passa o texto, o artigo, alguma coisa, e a gente vai ver, o artigo é de um homem, mas quando você vai pesquisar, tem várias mulheres que produziram a respeito e são textos tão bons quanto. Então eu acho que é mais uma questão de visibilidade mesmo.

**Deusa:** E na sala de aula, Clarice, de que forma tu percebes que a tua participação como aluna, militante ou ativista negra, provoca ou provocou uma mudança na maneira como os professores expõem as



discussões? Ou esse teu engajamento não provoca nenhuma reação a esse respeito?

**Clarice:** Um tanto!

**Deusa:** Podes dar um exemplo desse “um tanto”?

**Clarice:** Por exemplo, antes, alguns professores usavam alguns termos que eu considero um tanto racistas, é, falavam “denegrir a imagem”... são posturas assim, mais da superfície da coisa. Acho que mais os alunos, professores, nem tanto, mas os alunos, sim, tipo, com uma referência, às vezes eles vão fazer um trabalho, apresentar o trabalho e eles querem, pessoas brancas, por exemplo, querem tirar... “Clarice, como é que a gente vai falar sobre esse tema aqui, sobre esse assunto?” **Deusa:** Clarice, tu sabes que o feminismo é pensado por ti a partir de uma perspectiva negra, né?

**Clarice:** Sim. É a única que eu posso, já que eu sou mulher negra.

**Deusa:** Então, mediante uma perspectiva negra, tu achas que a mudança, a qual te referes, dessas posturas em sala de aula, com os outros colegas, parte também da questão do respeito à diversidade étnica?

**Clarice:** Sim, bastante.

**Deusa:** Pois bem, e de que forma tu achas, Clarice, que essas tuas provocações propõem mudanças?

**Clarice:** Acho que propõe, na sala de aula, no trato com outras pessoas negras, que não se consideram negras. Por exemplo, antes a turma não participava muito de eventos fora da sala de aula.

**Deusa:** Eventos acadêmicos ou eventos fora da Universidade?

**Clarice:** Eventos acadêmicos, que tenha a ver com diversidade. Esses temas, às vezes, quando participavam, era apenas para pegar a carga horária.

**Deusa:** Só para contar aquelas horinhas?

**Clarice:** Sim, exatamente. Aí, depois das discussões, mais em seminários, as pessoas começaram a ter mais interesse, têm umas



colegas minhas que querem fazer, tão escrevendo sobre remanescentes quilombolas, e começaram a ter mais curiosidade em como tratar, como lidar, como perceber feminismo, gênero, por que falar de aborto e tal... daí começaram a ter mais interesse sobre o tema e a participar mais dos eventos, menos por carga horária e mais por adquirir mesmo conhecimento.

**Deusa:** Na tua opinião, como feminista, esses coletivos que citaste têm alguma articulação com a esquerda, ou com outros movimentos de esquerda? Ou está vinculado a algum tipo de partido ou ideologia política?

**Clarice:** Acho que fica muito superficial falar que é de esquerda, acaba sempre caindo num... numa estrutura partidária da coisa.

**Deusa:** É, mas a esquerda não é só um partido, tem uma luta, por exemplo, com o feminismo, como a legalização do aborto, e parte de um determinado campo ideológico. Como vocês pensam essas articulações? Por exemplo, não é o campo ideológico da direita...

**Clarice:** Não, distante demais da direita. Mas, sim, campo da esquerda. Mas eu tento fugir um pouco dessa questão partidária, porque as pessoas acabam associando muito quando a gente fala, vira totalmente pra questão de partido, sempre, e acho que quando se fala em partido, nesse sentido da política, acaba esquecendo que tem uma maioria aí, que tá nem um pouco preocupada com essas questões, uma maioria que nem entende o que é gênero, uma maioria que não entende o que é a diferença entre gênero e sexualidade, entre feminismo branco e feminismo negro, que tá mais preocupada em sobreviver no dia a dia, e não é isso. Isso é uma questão quando a gente pensa, quando, hum... por exemplo, quando pessoas com ideais de feministas brancas chegam à comunidade, onde a maioria são mulheres negras, e acabam falando a partir de um ponto de vista totalmente pelo centro. Por exemplo, falas do feminismo branco, chega e fala “*Ah, porque nós não podemos deixar que os nossos maridos abram a porta do carro da gente porque a gente tem que ser independente*”, numa comunidade onde a maioria não tem carro ou não tem marido. Então eu acho que sim, é de esquerda, porque aí a gente fica: “Como pagar? Dividir a conta? ”, mulheres pretas e pobres, que, na maioria da população, são elas que sustentam a família, e, na maioria das vezes, são sozinhas.



**Deusa:** Como tu analisas ou articulas as lutas identitárias de mulheres lésbicas, negras, indígenas e as lutas feministas hoje?

**Clarice:** Acho que tá bastante amplo, e isso é bom, de certa forma, porque quando a gente restringe muito, a gente acaba caindo em dicotomias, por exemplo, quando eu falo feminismo branco e feminismo negro. Se fossem só esses dois, seria algo muito restrito, e eu penso que as formas hoje que existem de feminismo são muitas. É bastante interessante pensar e se articular entre eles mesmos, por exemplo, quando eu falo feminismo decolonial, abrange aqui o feminismo LGBT, abrange aqui o feminismo negro, abrange uma série de feminismos, que são de extrema importância, eu penso que juntos, assim, não apenas essencialmente feminismo, acho que têm muitas pessoas que pensam o feminismo como algo muito homogêneo, o que não é, é bastante diverso, a própria luta entre mulheres pobres e mulheres burguesas, mesmo não sendo negras, já é algo bastante complexo de se pensar, então eu penso que é bastante diverso, eu acho que deve ser mesmo, e a articulação entre eles é o diálogo, não a homogeneidade, mas o diálogo é de suma importância.

**Deusa:** Clarice, para ti, como menina jovem, uma mulher negra, de origem humilde, que faz parte de uma população de uma cidade interiorana, esse pensamento *decolonial* parece algo muito revolucionário?

**Clarice:** Sim.

**Deusa:** Isso causa algum espanto ou alguma, digamos assim, perplexidade no meio onde tu circulas, no familiar, com os vizinhos que tu convives? Como ficou esse núcleo familiar, digamos assim, com essas tuas novas “descobertas”, essas novas leituras, a partir da Universidade? Como isso é recepcionado no teu seio familiar?

**Clarice:** Acho que a decolonialidade veio meio que validar um pensamento que já existia, por exemplo, falar, não, mas as populações tradicionais ribeirinhas têm conhecimento, têm saberes, não são os eurocêntricos, mas eles existem e devem ser valorizados, e, meio que a minha família já sabia disso. [risos]

**Deusa:** [risos] Meio que já era!



**Clarice:** Só não estava escrito em algum lugar, só não tinha um nome bonito, só não estava num artigo, mas eles já sabiam, “não, a gente sabe que a gente tem um conhecimento...”

**Deusa:** “Nós temos os nossos valores...”

**Clarice:** Os nossos valores, eles meio que já sabiam disso. Acho que mais as questões feministas mesmo que são um pouco difícil deles entenderem, porque mexe no meio da estrutura familiar e cultural, dentro desse âmbito que é o interior.

**Deusa:** É isso que eu queria saber, por exemplo, tu és uma menina muito jovem, tem 18 anos, como é que isso é recepcionado pelas pessoas? Por exemplo, tu estás naquela idade em que todas as descobertas acontecem, como é que essa gama de pessoas com as quais tu queres te relacionar, sejam elas mulheres ou homens, isso não me interessa, como elas acolhem isso, esse teu lugar de fala?

**Clarice:** Meu ciclo, tanto faz se é de amizade ou de família, ele é bem concreto em relação a isso, e eles são bem entendidos. Acho que a maioria das pessoas que eu me relaciono já tem mais compreensão dessas questões.

**Deusa:** Mas isso não causa um tipo de impacto, às vezes?

**Clarice:** Não. Acho que raramente causa impacto, assim, na verdade, tipo surpresa negativa.

**Deusa:** E nos homens?

**Clarice:** Causa. Na verdade, eu acho que depende... bom, eu não costumo me relacionar com homens escrotos, mas, a maioria das vezes, eu converso com pessoas que estão dispostas a aprender alguma coisa, mas, assim, no âmbito familiar, a minha família, mesmo, super me apoia em qualquer coisa, mas, também, antes eu falava as coisas meio que sem pensar um pouco, por exemplo, sobre machismo, eu falava com meu pai, apontando: “O senhor, machista escroto! ”. E é muito difícil fazer isso, essa desconstrução com uma pessoa que foi criada daquela maneira, tradicionalmente machista.

**Deusa:** E como é que ele recebia essa fala?



**Clarice:** Mal.

**Deusa:** Tipo: “Menina, tu tá me desrespeitando?”

**Clarice:** É, tipo assim. Mas o meu pai é muito dócil, o que acontecia era ele se fechar e não querer falar sobre o assunto, o que não é uma coisa boa.

**Deusa:** Ele teve ou não a oportunidade para discutir essa desconstrução?

**Clarice:** Não teve oportunidade, e aí eu comecei a perceber, mais ou menos depois de um ano, que não estava dando certo, que essa estratégia não estava dando certo, tanto que meu pai lavava uma louça e achava que ele era o *feministão*. Aí, eu percebi que não, não era assim que era pra fazer, então eu comecei a explicar pra ele.

**Deusa:** E tua mãe? Ela é melhor para dialogar?

**Clarice:** Muito. Acho que a minha mãe, antes de saber o que era feminismo, mesmo, ela já era feminista, já me ensinava bastante sobre. Hoje em dia, eu leio os textos e fico só falando, “nossa, minha mãe fazia isso”, antes mesmo dessa leitura. Mas, claro, né, ela ainda reproduz bastante o machismo, mas ela é bem entendida sobre o assunto na prática.

**Deusa:** Tu achas que no feminismo decolonial há uma diferença muito grande do feminismo das tuas primeiras leituras?

**Clarice:** Sim, bastante. Muitas especificidades que existem são, acabam sendo, invisibilizadas pelo feminismo branco, às vezes, eu encontro texto, hoje, que eu já lia antes, que diz: “as mulheres precisam resistir às opressões”. Aí, hoje em dia, eu leio e pergunto: “Tá, mas que mulheres? Que opressões? Aí eu acho que ajuda bastante, porque é muito diferente como eu encaro, hoje, as outras pessoas que estão ao meu redor, do que como eu encarava antes.

**Deusa:** Clarice, tu me disseste que tu tens uma irmã mais nova. E, nessa perspectiva, como é que está sendo essa construção, agora, para, digamos assim, essa nova geração que tem uma irmã mais velha que se reconhece como uma feminista negra, que faz leituras a partir da decolonialidade? Como é que tu fazes essa construção com ela?



**Clarice:** A gente conversa bastante sobre feminismo e sobre as leituras que eu faço. Sim, principalmente, ela já tem 16 anos agora, o medo dessa nova geração que vem. Antes, antes de começar a estudar decolonialidade, eu falava com ela sobre feminismo, tipo, “Ah, não deixa nenhum homem falar sobre a tua roupa, sobre o teu corpo”, e falava essas coisas assim, só que naquela questão, ela não é uma criança, ela vai crescer e um dia vai entender isso.

**Deusa:** Clarice, tem uma coisa que eu percebo mais do que aqui neste rol de perguntas, mas eu gostaria que tu me falasses. Porque quando a feminista negra se propõe a ser uma ativista, ela tem que traçar duas vertentes: uma é sobre a questão do feminismo e a outra é a de sempre fazer isso aliada à questão de raça, ou seja, como é para ti essa construção, fazer o feminismo muito ligado à questão de raça e do lugar de fala?

**Clarice:** Antes eu achava um pouco complicado, mas, com o tempo, a gente começa a ver que está muito associada uma coisa a outra, opressão de gênero, opressão de raça, são coisas que estão desde o começo, atreladas desde o período colonial. Então, hoje eu percebo muito o reflexo disso, a maioria das mulheres e da população brasileira é negra, então, a maioria, mulheres negras e pobres. Acho, assim, que não tem como não ver o feminismo, que não parta desse conceito, desse lugar.

**Deusa:** Mas, antes, assim, o que tu achas que mudou, de 30 anos para cá, para as mulheres negras?

**Clarice:** Acho que a questão, eu pelo menos acredito, de não ter um feminismo que nos representasse, já era algo muito complexo. Hoje, eu já acho, assim, um avanço muito grande a gente poder encontrar bastante teóricos, muitos escritores que falam de feminismo negro. Antes não tinha essa opção, eram aquelas feministas lá, falando sobre abrir a porta do carro, e onde eu moro não passa carro.

**Deusa:** Clarice, estamos finalizando esta entrevista, e minha última pergunta é: A partir de uma perspectiva feminista, como tu pensas alguma proposta para o ensino no Brasil, onde essa questão dos feminismos pudesse ser contemplada?



**Clarice:** Bem, no grupo de pesquisa (GPEDE), a gente tem uma proposta que é a pedagogia decolonial, que é buscar outra epistemologia que não seja eurocêntrica pra aquele padrão de gênero, aquele ideal de gênero. Acho que é basicamente isso, que busque, sem desvalidar, no caso, o que já existe, achando que “aqueles conhecimentos lá não servem, o que serve é o nosso”, tem é que ampliar aquilo ali, mostrar que a gente também tem conhecimento, a gente tem entendimento e noções sobre gêneros que precisam ser valorizadas, validadas como conhecimento também.

**Deusa:** Obrigada. Tens algo que queiras ressaltar, que não tenhas dito aqui nesta entrevista?

**Clarice:** Acho que não.

**Deusa:** Então, meu muito obrigada por este maravilhoso diálogo!

**Realização:**

